

<i>Adriana Sydor</i>	Sonhos de arquitetar	05
<i>Charles Marlon</i>	“Não era já a morte: era um desmaio”	10
<i>Ricardo Escudeiro</i>	Para falantes doutras línguas	12
<i>Victor Hugo Turezo</i>	Cartas à mãe. Holocausto do pai	14
	RelevO de Colorir para Adultos	16
<i>Fernanda Wojcik</i>	Abril	20
<i>Gigi Godoi</i>	Velha queda	22
<i>Livia Inácio</i>	Carta ao Paraíso	24
<i>Pacha Urbano</i>	Filho do Freud	26
<i>Daniel Zanella</i>	Cenas Urbanas	29
<i>Daniel Osiecki</i>	Terra Incógnita	31

06	Um abraço é um ato solipsista não importa em quais deuses você não acredite	<i>Bolívar Escobar</i>
11	Dizem que os orientais	<i>Julia Raiz</i>
13	Ode à mulher que não goza	<i>Sissa Stecanella</i>
15	Súmula	<i>Claudia Sater</i>
18	Nimesulida	<i>Mateus Ribeirete</i>
21	Um cubículo de gente num cubículo de apartamento	<i>José Alberto Amarante</i>
23	O dia em que fiz um gol de bicicleta	<i>Beto Pacheco</i>
25		<i>Alvaro Posselt</i>
28	Obscenidade Digital	
30	Cinerário	<i>Ademir Demarchi</i>
32		<i>Gary Sullivan (trd. Danilo Augusto)</i>

Expediente

Fundado em setembro de 2010.

Editor Daniel Zanella **Editor-Assistente**
Ricardo Pozzo **Revisão** Mateus Ribeirete
Ombudsman Carla Dias **Projeto Gráfico**
Marceli Mengarda **Impressão** Gráfica
Exceuni **Tiragem** 3000.

Edição finalizada em 6 de maio de 2015.

Ilustrações

A ilustração de capa dessa edição é do Daniel Imaeda – daniel@imaeda.com.br

Os anúncios dessa edição foram ilustrados por Fábio Tokumoto, Carol Zanelatto, Alan Amorim e Dê Almeida (os autores estão indicados em cada um deles).

Contato

@ jornalrelevo@gmail.com

 /jornalrelevo

 /jornal.relevo

Editorial

Recentemente, a pesquisadora e jornalista Sylvia Debossan Moretzsohn, em artigo para o Observatório da Imprensa chamado “O suicídio do Jornalismo”, posicionou de modo sucinto a busca atual dos produtos editoriais por audiência online. A expressão Jornalismo Caça-Cliques carrega em seu eixo bem mais do que uma nova dinâmica no fluxo de informações e uma severa crítica ao modo como os veículos de comunicação entendem a relação com as plataformas digitais: vale tudo no varal e todos estão razoavelmente perdidos. A via online continua fechando no vermelho.

De tempos em tempos, recebemos apontamentos sobre a nossa presença virtual, de fato, ainda muito incipiente. Contudo, nossos planos de expansão estão pouco relacionados com o caminho dos *likes* e *shares*. Como Sylvia aponta com exatidão, a cacofonia das redes não colabora muito, não, para uma melhor apreciação dos produtos editoriais, quem dirá dos literários.

Quando estamos a falar de um impresso mensal, com distribuição setorizada e financiado por assinantes e anunciantes que são bem físicos – as redes sociais não nos rendem um centavo – e que opta por não se escorar em verbas públicas, o que precisa ser feito não está entre uma timeline e outra.

Então, qual é o caminho a seguir para que não desperdicemos um público potencial das redes sociais e não deixemos de priorizar o nosso carro-chefe impresso? Bem, caminharemos lentamente. Não iremos para a presença maciça, não teremos conta em todas as plataformas, não contrataremos um estagiário para alimentar as redes sociais – isso qualquer agência de publicidade de faculdade, criada por alunos do 2º período, pode fazer.

Nosso caminho ainda é a materialidade. Tenha certeza de que se um dia não for mais possível imprimir nosso periódico, ele não se tornará apenas digital – como um morto que esqueceram de enterrar. Temos uma newsletter, teremos um site em breve, com todo o conteúdo de nossas edições anteriores, um e outro aporte para divulgarmos possíveis projetos que realizarmos, enfim: o cenário é confuso e não custa nada não correr para onde todos correm.

Se isso, daqui a pouco, significar nosso fim, ao menos será silencioso.

Uma boa leitura a todos.

PRESTAÇÃO DE CONTAS DE ABRIL DE 2015

Anunciantes

R\$ 30 – Banca da Aracy, Nova Mania (total R\$ 60).
R\$ 50 – Lotérica Avenida; Avon; Fisk; Joaquim; Água na Boca; Torto Bar; Defenestrando (total R\$ 350).
R\$ 100 – Editora Penalux. **R\$ 240** – Escola de Escrita.

Assinantes

R\$ 50 – Emerson Castro; Ivan Justen Santana; Elisa Nogueira; Fernanda Fatureto; Marco Antonio Santos; Murilo Lense; Rômulo Candal; Rodrigo Madeira; Cezar Tridapalli; Alisson Coelho; Magno Van Erven; Carolina Goetten; Antônio Torres; Guilherme Bucco; Victor Hugo Turezo; Giovanni Kurz; Alisson Coelho; André Petrini; Rafael Antunes; Jair Barbosa; Alvaro Collaço; Cesar Felipe Pereira (total R\$ 1.100).

Despesas

Assinaturas **R\$ 285** / Distribuição **R\$ 100** /
 Impressão **R\$ 1.390**

Receita **R\$ 1.850**
 Custo total **R\$1.775**

Balanco **R\$ 75**

Cartas do Leitor

TREJEITOS FEMININOS

Primeiramente gostaria de parabenizá-los pelo jornal, cada mês melhor. Adorei a poesia “Sus_Peitos”, da Líria Porto, da edição de abril. Mas estou a lhes escrever para uma correção na poesia de Marco Aurélio de Souza na estrofe referente à palavra afeminados, um erro muito comum: “e dos afeminados que se escondem num sótão poeirento e claustrofóbico”. Neste caso o prefixo A da palavra seria de negação, ou seja, pessoas não femininas e o certo seria efeminados, com trejeitos femininos.

Fúlvio Benício

Nota do Revisor: Fúlvio, não sabemos o que se passa na cabeça do Marco. Pode ser afeminado mesmo.

SOBRE A BELEZA

Gostaria de saber com mais detalhes como funciona o processo de seleção dos textos que saem no jornal. Às vezes parece que o periódico publica alguns textos de mulheres apenas porque elas são bonitas e alguns autores porque eles são amigos. Mas gosto do jornal de vocês. Ao seu jeito, ele tem personalidade.

Antonio Aleixo

Da Redação: Há um equívoco na sua linha argumentativa, Antonio. Nós publicamos os homens que achamos bonitos e as mulheres que são nossas amigas.

DE BAR EM BAR

Meu nome é Giovana Godoi – mais conhecida como Gigi Godoi nos botecos da vida –, estudo Jornalismo e acompanho loucamente o trabalho de vocês. Acho bem progressista e agradável. Animal mesmo.

Giovana Godoi

WORLD WIDE WEB

Conheci há pouco tempo o trabalho do jornal e me encanta o fato de pessoas como vocês trazerem isso à tona em uma linguagem acessível e de conteúdo. Sou aluno de Jornalismo da PUCPR e me assusta o fato de somente eu na sala [de aproximadamente 40 alunos] conhecê-los. Isso se agrava quando pegamos todos os alunos do curso. Alguma coisa está errada se a própria academia desconhece o trabalho de um jornal que fomenta a cultura. Por outro lado, será que não há falta de comunicação do jornal?

Gilmar Montargil

Errata

Na prestação de contas de março, erramos o nome do nosso assinante José Alberto Amarante. Apareceu um *Roberto* ao invés de *Alberto*, uma coisa sem razão de ser.

Ombudsman

Carla Dias

Espalhando palavras e poesia

Em uma época permeada por urgências, atenção faz significativa diferença. As redes sociais são vedetes dessas urgências. Tudo é rápido e contínuo para abastecer o espectador, desculpem-me, o internauta com todas as informações possíveis. Dá trabalho desviar das informações que não fazem mais do que nos levar a gastar tempo. Mas quem não gosta de preguiçar o pensamento, vez ou outra?

Recebemos uma mensagem de um leitor justamente sobre a falta de presença nas redes sociais. Porém, é preciso compreender que alimentar as redes sociais, a fim de atender à voracidade contemporânea, é trabalho que exige tempo que muitos de nós preferimos dedicar à criação, seja do poema, do conto, da crônica, da ilustração.

Veja bem, eu acho bem coerente o posicionamento do leitor; é a realidade que vivemos. Porém, acredito que o **RelevO** é, primeiramente, um jornal literário, mensal, que você pode adquirir impresso ao se tornar assinante ou se tiver a sorte de frequentar um dos pontos de distribuição gratuita, além da opção da leitura online. Além do mais, foi lançada a newsletter semanal **Enclave**, que tenho certeza, deixará o leitor mais feliz com a presença do periódico nas redes sociais.

Sendo assim, se você é apreciador do produto, não se intimide: assumo seu apreço, assine a versão impressa, compartilhe o jornal e a newsletter nas redes sociais. Colabore para que mais pessoas tenham acesso a esse trabalho que é feito com o maior prazer pela equipe do jornal. Ajude-nos a fazer como o leitor que nos escreveu sugeriu: espalhe-o.

A edição de abril chegou com as ótimas ilustrações de Anderson Resende, criaturas que se embrenham pelas

palavras alheias e pontuaram com questionamento o olhar do leitor. Adorei a capa.

Gosto muito de Daniel Mazza. “Os ossos” apenas endossa esse minha benquerença. Para mim, o autor reduz a todos aos ossos, aos quais creditamos o final de quem somos, mas mostrando que são eles que carregam nossa história. É antropológico e emocional: “A eloquência dos ossos, silenciosa/ Traz muito mais verdades do que provérbios/E salmos. Sábia é a voz dos ossos mudos”.

Após ler o texto “*Her e As Ficções Homogêneas* – ensaio em narrativa capitalista, gênero e cinema”, de Rubens Akira Kuana, tive de repensar não somente a minha impressão sobre o filme, mas aspectos da minha própria existência. Coerente, Kuana aborda a distância que alimentamos de nós mesmos a troco do que nem sempre sabemos nos será útil.

Em “Menos, por favor”, Marianna Moraes Faria cita muitas formas de sermos preconceituosos ao fazermos de conta que não: “Olha só esse cara, a mulher dele tem quase a idade da minha tia, parecem mãe e filho. Olha lá, que merda, vão casar. Ele só quer o dinheiro dela, lógico”. Trata-se da lógica dos intolerantes, que também se apresenta no “Agora que sou escritor”, de Mateus Ribeirete: “Quanto às dedicatórias, dos contos dos outros 15 participantes, escrevi “não li”. Sobre o conto de um Mateus Senna, escrevi “não li e não gostei”.

No trecho publicado do livro “Poesia Brasileira Contemporânea – Crítica e Política”, Renato Rezende aborda a crítica de poesia brasileira, baseando-se também em questões voltadas à resistência da linguagem, que saiu da clareza da sua definição para navegar em outras formas de arte,

como a canção. A poesia na música. “É preciso, portanto, enfrentar a escuridão e as contradições do nosso tempo, identificar outras chaves de leitura e novas brechas e bordas para pensar a nossa poesia.”

Obviamente, esse passeio não incita o fim da poesia, mas pede por mais atenção. São para poucos os escassos espaços dedicados a tal linguagem, e quase sempre relegados aos poetas que movimentam o mercado. Aliás, é esse mercado que carece de ser ampliado; a poesia pode até não ter lugar definido no atual cenário literário, mas definitivamente continua a dar origem a grandes poetas e a gerar significativas e inspiradoras obras.

Prosa e poesia primorosas – e capazes de atizar questionamento – estavam estampadas nas páginas do **RelevO** de abril. Foram tantas de uma e de outra que me encantaram, que tive trabalho para selecionar algumas para falar a respeito. Eu gosto de ter trabalho.

Porém, devo confessar que a presença marcante da poesia – ainda que lembrada na prosa –, pela qual tenho profundo apreço, e que me acompanha desde o primeiro questionamento, fez a edição passada entrar para o hall das mais queridas. Ouso dizer, meu caro Renato Rezende, que, talvez, não sejamos nós – leitores, escritores e críticos – os responsáveis por definir onde cabe a poesia. Ela mesma se apodera dos espaços. Sendo assim, investigá-la pode ser tão interessante quanto consumi-la, a alma entregue a esse compromisso.

Não poderia deixar de mencionar a parceria entre o blog Obscenidade Digital e o **RelevO**, divulgada na edição passada e estreando nesta, com texto de Gabriel Protski. A cada edição, um texto da equipe do coletivo curitibano. Que essa parceria nos renda ótimas leituras. ●

Sonhos de arquitetar

Adriana Sydor

a zanzar pela internet na companhia dos sonhos de sempre, encontrei um terreninho pra vender em Antonina. coisa modesta, num lugar que nem é o meu escolhido nas noites de liberdades, mas mesmo assim fiquei interessada. o valor, que parece caber numa loucura de financiamento em tempos difíceis, me seduz. tenho cá minhas urgências de Antonina.

em suposições sem fim, comecei a pesquisar sobre construções alternativas. desde containers que já não servem para cargas até as casas de bambu, ula-ula do Catraca Livre.

cheguei a uma casinha pequena e grande, dois pavimentos, árvores no jardim e uma piscininha para os dias de maçarico e as noites de lua dourada, um deck que apoie mesinha para o rum e os petiscos de antes do almoço, uma hortinha para dar pistas falsas a respeito de minhas intimidades com o fogão.

na minha cabeça se desenhou um espaço térreo amplo, com lugar para circular sem quinas ou paredes, sem escuridão ou bloqueios. coisa que trate da cozinha e das salas de uma vez só e deixe que a amplitude das árvores e do céu, da paisagem natural ou inventada invada cada amanhecer e inunde de sol mesa, pia, sofá, cadeiras e redes. o que não for janela, bem pode ser vidro, o que não for porta, transparência. consigo pensar em móveis de madeira e cores de alegria, em flores que decoram e perfumam, em música, livros e até um mini-escritório embaixo da escada, para os dias de trabalho. dois espaços terão quatro paredes bem protegidas a assegurar privacidades: despensa e banheiro. sobre a primeira: coisa simples, prateleiras por todos os lados e talvez uma claraboia (que não sei o que é, mas gosto do nome). o segundo, com todo o simples e luxuoso cimento queimado.

na parte de cima, os quartos. queria quatro, mas serão três, para que não se transformem em prisões sufocantes. todos eles terão móveis funcionais que darão conta de guardar com classe e simplicidade tudo que é preciso: cobertas, roupas, sapatos, cosméticos, bolsas. penso em ganchos, gavetas invisíveis, portas inesperadas, mesinha para escrita de carta, secretária para iluminação de leitura à noite e janelões de bom dia. dois banheiros: um meu e só meu, outro comunitário, ambos com ducha potente, radinho e boa iluminação.

com todos os espaços arquitetados, penso em reunir os amigos para a realização. já que cada um terá portas abertas, é justo que me estendam as mãos e numa corrente bonita, colorida, cheia de amor me ajudem a erguer paredes, alisar chão, pregar madeiras. que lindo seria, em finais de semana de sol, cada um a doar suas habilidades para o fazimento daquilo que mais quero. cada canto, a marca de quem gosto; cada centímetro, a prova da amizade. uma casa feita por amigos, fluente de amor. e depois, tudo pronto, poder recebê-los em almoços ou jantares, em conversas ou confissões, em música ou poesia.

minha casa em Antonina está pronta no lugar mais importante: dentro de mim. ela me chama, sedutora, toda vez que um carro buzina aqui na rua, sempre que entro no elevador, continuamente no alvoroço da cidade. minha casa em Antonina já me tem, pertença a ela antes que nasça, que seja, que se solidifique. minha casa em Antonina me habita com força de lágrimas, com poder de sorriso e com sossego de passarinhos.

moro lá. •

Um abraço é um ato solipsista não importa em quais deuses você não acredite

Bolívar Escobar

O Coiote corre atrás do Papa-Léguas porque está sempre com muita fome. Ele tem tanta fome que nem lembra de usar o cartão de crédito dele pra pedir uma pizza, ele prefere encomendar aparato bélico pra dar um jeito de matar o pássaro porque ele tem muita, muita fome. Em compensação o Papa-Léguas nunca tem fome, mas corre muito. Corre o suficiente pra escapar de todo e qualquer projeto feito pelo seu predador para capturá-lo e por isso a cadeia alimentar fica sempre incompleta. “Cadeia Alimentar” é o nome que os cientistas deram para definir a ordem de quem come quem nesse nosso planeta. Não existem animais de outro planeta na nossa cadeia alimentar porque ninguém nunca viu um e, portanto, ninguém sabe o que eles comem. Os cientistas dão nomes para muitas coisas, talvez eles tenham dado o nome do Papa-Léguas também.

Outro personagem da Warner que corre atrás de animais é o gambá Pepe Le Pew, e ele corre atrás de uma gatinha, mas não porque tem muita, muita fome. Ele corre atrás dela porque quer fazer filhotes. “Fazer filhotes” serve pra assegurar a sobrevivência da espécie. E ela também prefere escapar. Ela foge não porque gostaria de colocar em risco a sobrevivência da espécie (seja lá qual fosse o resultado dessa cruz), mas sim porque Pepe é um gambá e, portanto, fede. O gambá é um animal selvagem desse planeta (inserido na cadeia alimentar de alguma forma, claro) que usa o próprio mijo pra se defender. A grande verdade é que a maioria dos animais selvagens fede um pouco e, seguindo a lógica do desenho, todas as fêmeas deveriam fugir, mas isso não acontece porque o conceito de “fedor” foi elaborado pelos seres humanos desse nosso

planeta (inseridos na cadeia alimentar também) e isso faz com que os animais selvagens não se importem muito com quem fede ou com quem não fede.

Os seres humanos se importam com quem fede.

É normal para as gatinhas humanas fugirem de homens que querem fazer filhotes quando eles fedem, mas isso até agora não tem posto em risco a sobrevivência da nossa espécie. Entretanto, muitas vezes os seres humanos vivem em lugares chamados “cidades grandes” que comumente cheiram mal também. Os cientistas deram nomes para alguns desses cheiros ruins, um deles se chama “poluição” e ele existe, em parte, por causa dos carros, que não estão inseridos na cadeia alimentar.

As pessoas usam carros para ir de um lugar a outro de uma maneira rápida que jamais conseguiriam se utilizassem apenas seus membros inferiores para se locomover. Isso é muito bom, pois deixa a vida nesse planeta muito mais produtiva e assim as pessoas são capazes de acumular mais riquezas e de garantir com mais precisão a sobrevivência da espécie. Foram os cientistas que disseram isso. Existem outras coisas que fazem o ser humano se locomover mais rápido, como a bicicleta. Mas ela não faz tanto sucesso como o carro. Andando de bicicleta as pessoas podem acabar morrendo ou ficando mais magras.

Os cientistas dizem muitas coisas. “Cientista” é o termo usado para se referir aos homens que tentam explicar tudo o que acontece no universo. Dizem eles que antes de tudo é necessário ter em mente que algumas coisas fazem parte do universo e outras não. Os cientistas só devem estudar aquilo que faz parte do universo. O que não faz deve ser estudado pelos artistas e pelos malucos. Obviamente, as coisas mais legais são as que não fazem parte do universo, e por isso os cientistas tentam muito provar que na verdade elas fazem sim. Um bom exemplo é o amor. Vou explicar.

O Coiote corre atrás do Papa-Léguas porque está sempre com muita fome. A “fome” é sentida porque dentro da cabeça das pessoas e dos animais existem alguns componentes químicos que causam essa sensação. Ela surge quando a barriga fica vazia. “Barriga” é o nome que os cientistas deram pro lugar onde ficam os animais e plantas mortas que viram energia e bosta. Já o gambá Pepe talvez sinta esse tal de “amor”, que é o que faz alguém ser muito importante para outro alguém. Os cientistas tentam trazer o amor para o lado das “coisas que existem no universo” alegando que ele também é causado por componentes químicos dentro da cabeça das pessoas. Eles surgem quando temos vontade de assegurar a sobrevivência da espécie. Os cientistas alegam muitas coisas.

Quando minha tia se surpreende por algo, ela exclama “Jesus Amado!”.

Ela fala isso porque as pessoas dizem que existiu um cara chamado Jesus há muito tempo que também quis trazer o amor para o lado das “coisas que existem no universo”, mas não da mesma forma que os cientistas. Por isso ele foi torturado e morto de forma violenta e depois todo mundo começou a amar muito ele, inclusive a minha tia. Se Jesus aparecesse hoje eu aposto que ele ia falar algo do tipo “gente, gente, vocês entenderam errado. Não era pra vocês ME amarem, era pra vocês SE amarem, pra vocês amarem UNS AOS OUTROS, não eu. Eu não preciso que vocês me amem porque eu já morri”.

Ou não, não sei. Não gosto de falar sobre religião porque nunca fui doutrinado em nenhuma e me sinto meio gaiato quando falo nelas. Um “gaiato” é um ser humano que entrava escondido em navios. Ele era a pessoa no navio que mais precisava viajar, por isso ficava desconfortavelmente escondido a viagem inteira. Viajar é algo geralmente desconfortável. A humanidade tem uma faceta engraçada de seu histórico que mostra o quanto seus membros são incapazes de fazer coisas que sejam funcionais e confortáveis ao mesmo tempo. Por isso existem os designers, que são os seres humanos (inseridos na cadeia alimentar) que conseguem fazer coisas ao mesmo tempo funcionais e confortáveis às vezes.

Às vezes. ●

F/C



AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532 ARAUCÁRIA-PR 413643 4881

F/C



PRAÇA VICENTE MACHADO, S/N°, ARAUCÁRIA (41) 3642-2337

A



REVISTARIA NOVA MANIA

F/C



RUA AMINTAS DE BARROS, 270

F/C



F/C



F/C

ESCOLA DE ESCRITA

- Aperfeiçoamento textual
- Aperfeiçoamento linguístico
- Redação criativa
- Oficina de criação poética
- Oficina de crônicas
- Edição e revisão de texto

ESCOLADEESCRITA.COM.BR 41 9511 2654 CONTATO@ESCOLADEESCRITA.COM.BR

F/C

LIVROS | VINIS

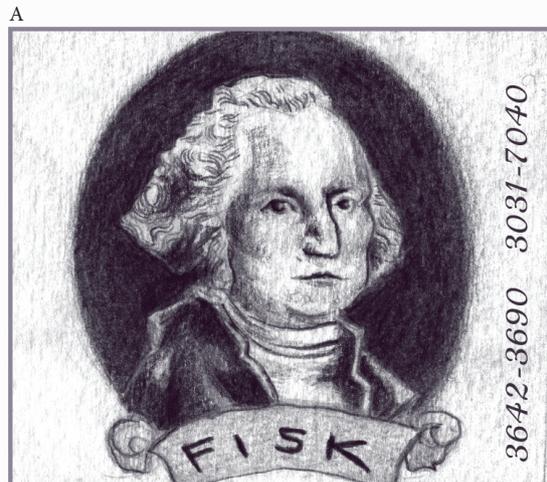
JOAQUIM LIVRARIA & SEBO

RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

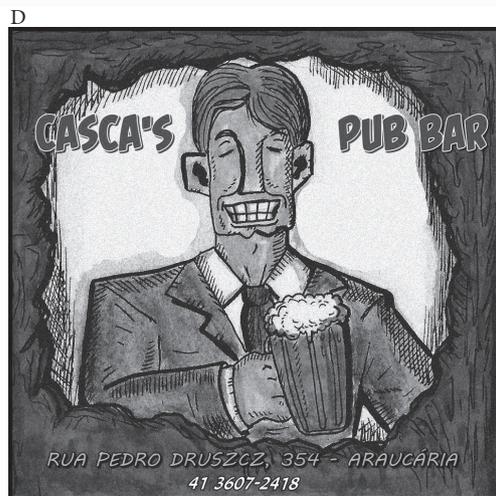
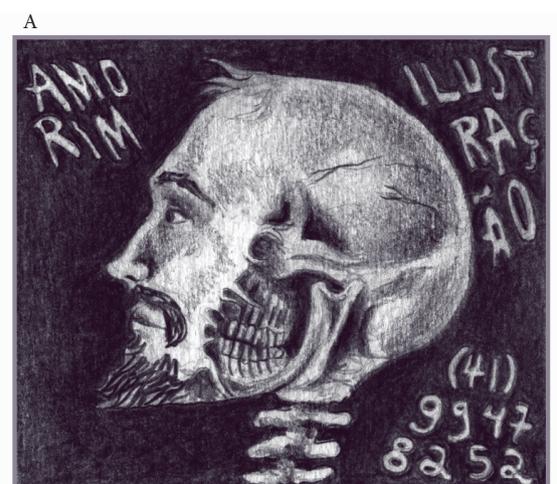
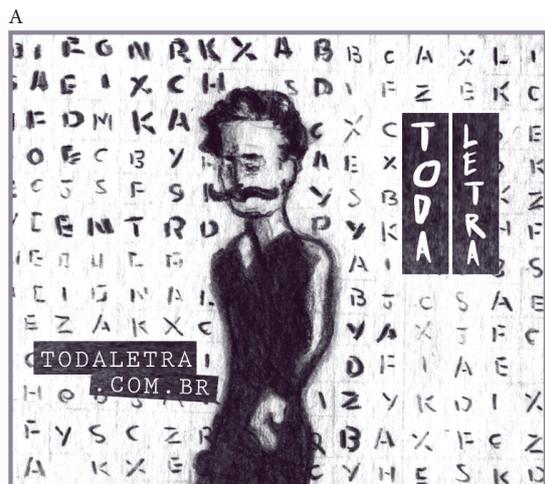
INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA



AV. DR. VICTOR DO AMARAL, 1020, CENTRO – ARAUCÁRIA/PR



R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR



Em menos de 3 anos de atividades, a editora conta com mais de 200 títulos no catálogo – publicados em praticamente todo território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).

Conheça nosso trabalho, acessando www.editorapenalux.com.br e facebook.com/penaluxpenalux.

Para envio de originais: originais@editorapenalux.com.br

“Não era já a morte: era um desmaio”

Charles Marlon

Mal vedado,
o hálito noturno

-tudo é fresta-

e a sonolência de ruas
que só despertam

aos poucos; os corpos

apartados, apenas,
se muito, mais tarde.

*Que dizer de caninos
que passam insones*

*ao relento dos minutos
e (a)guardam inquietos*

*sonos? Estampas, móveis,
imitação de madeira e mar-*

*fim, outro tipo de ouro,
o horror; o horror e outras*

artes, prato que se come
frio nas letras demasiado

neutras do jornal matu-
tino. Sem saber se mais

seca a garganta ou o per-
curso até a torneira, com-

porta a cama, como um leito
rachado: lembrança, zona

úmida. Através do vidro
tudo. Futuro:

a curva, após a última
curva, movimento uni-

formemente variado,
parte que cai em queda
livre; não

aquilo que se quer,
aquilo que se dá.

DIZEM QUE OS ORIENTAIS

Julia Raiz

11

Dizem que os orientais, os budistas, os hindus, os não-sei-quem embrulhavam os livros sagrados, os seus preciosos livros sagrados de oráculos e sonhos e previsões enigmáticas, seus preciosos livros sagrados obscuros, seus preciosos livros sagrados que são como buracos negros que te sugam se te atreveres a abri-los. Bom, dizem que os orientais embrulham tais livros em tecido rico como a seda ou o veludo ou com outros tecidos ricos dos quais não conheço o nome. O tecido rico representa o respeito aos ensinamentos do oráculo.

Não obstante, os mesmos orientais, ao guardarem o embrulho brilhante – se o livro estiver embrulhado em seda então será brilhante, mas talvez esteja embrulhado em veludo então será opaco – não o guardam em local superior à altura da sua cabeça. Tal tradição representa “a ausência de veneração cega ao objeto”. Não é bonito?

*

Não posso dizer que não sabia o que estava prestes a acontecer. Mas de qualquer forma tudo começou como todos os maus pressentimentos começam: com um frio na espinha. Com “um frio na espinha”. Não é uma expressão cretina? Um frio na espinha que nem é frio, porque naquele dia fazia um calor infernal e meu ventilador temperamental funcionava de acordo com sua própria vontade; e muito menos na espinha, da qual, no transcorrer de um dia como outro qualquer, ninguém se lembra onde fica. De qualquer forma, era um frio na espinha. Ou talvez tenha sido um tremor acompanhado de uma vontade desenfreada de chorar e depois o frio na espinha. Não sei precisar. Fato é que larguei o que sobrava da taça quebrada na pia e fui procurar um último band-aid perdido na gaveta. Sangue, detergente e caco de vidro. Ardia. O sal da lágrima com a lembrança doce da goiabada do pós-almoço. E eu achei tudo tão engraçado. Era tudo tão engraçado porque quando estamos desesperados achamos graça em tudo.

*

Dizem que os orientais, não, não... Dizem que uma tribo africana, de não sei de que país (porque é um continente muito muito grande). Não sei de que país, mas penso num país com uma noite escura e muito longa, talvez a noite mais longa e solitária do mundo. Bom, dizem que numa tribo africana qualquer – quem me contou isso foi um amigo que esteve em um dos muitos museus londrinos, eficientíssimos e organizadíssimos, feitos exclusivamente para nos ensinar sobre como é o mundo lá fora. Dizem que a família dorme com o morto por sete dias antes de embrulhá-lo num tecido caro, talvez seda ou talvez veludo. O ente-querido depois é enterrado muito profundamente na terra porque senão vira um buraco negro que te suga se te atreveres a abri-lo. E eles não o colocam numa altura menor do que mil metros embaixo da terra porque “a veneração é a ausência cega do objeto”. Acho que é isso. Não é triste? Não, também não sei por que estou rindo. O fato é que quando eu derrubei a taça na pia e ela quebrou desejei profundamente, muito ardentemente, que o tempo voltasse apenas alguns segundos. Podia ser algumas pequenas frações de um único segundo. Era só para que eu pudesse segurar a taça com mais firmeza. Eu juro que não ia deixar o vidro escorregar da minha mão. Juro. Talvez até a segurasse assim em pleno ar, salvando-a de seu destino triste como caco de vidro embrulhado num tecido barato jornal. Mas o fato é (e o fato sempre “é” e nunca “seria”) que o tempo te ignora e continua correndo como sempre correu. E a taça caiu; e minha mão se cortou; e, enquanto eu chegava ao banheiro, o telefone tocou. E assim, numa sequência de um fato após o outro, de um acontecimento irremediável após o outro, descobri que gostaria de poder dormir com meu irmão por sete dias: ele embrulhado em seda ou veludo.

para falantes doutras línguas

Ricardo Escudeiro

o dicionário num seis de janeiro
- com Nathaly Hanemann

saudade

sau da de

nome

a depender da edição

substantivo

feminino singular

um

mito do labirinto

desses criados e regidos

por essa entidade

que aos olhos

ao tato

nega

o que à imaginação reitera

que te lembra de não feitas

revisitadas viagens

embarga teus aviões imaginados

esconde malas não aprontadas

pesadas já do que não cabe

que divulga na tua timeline

um evento que já passou

que coloca na tua mão papéis

com histórias inescritas

te faz rever tudo o que é entrelinha

que passeia pelo punho do velho violonista

as peças já até decoradas

mas crava com a dor da artrite

a incapacidade de executá-las

que te coloca uma outra última vez

frente ao massacre que extingue

o último dos samurais

na quase lágrima derramada chorar

todo o silêncio de vidas passivas

impotência

não poder correr dar um último abraço

que te faz dar murro em ponta de porta

órfã de fechadura

onde será que ela guarda essas coisas

qual será a gaveta mais bonita

de guarda há distância

afiada tipo navalha

atadura que não estanca nada

essa foto na palma

há espaços ainda

em tempo de serem jamais

uma derradeira vez habitados

a cada seis de qualquer mês

um pouco de janeiro

pra fazer valer essa coisa

que se faz taxa sobre os devaneios

pagar pelos próprios sonhos

pesadelo

ah saudade e seus subprodutos

no mais metáforas e chinelas

já há muito pisoteadas

tinta e papel

mais nada

crescendo em campos no sul

de portugal

Sissa Stecanella

Ode à mulher que não goza

Ode à mulher que não goza
Que toda orgulhosa se diz importante
Deita-se na cama, faz cara de freira, se finge de morta
Abre as pernas, gemidos alheios,
Dá-se por contente, com seu amante precoce,
Que vira e ronca, babando sem corte.
E diz pra vizinha que tem muita sorte

Ode à mulher que não se toca
Desconhece seu corpo
Se falarem no assunto faz cara de susto:
“Clitóris, que é isso? Onde fica? Não tenho disso, sou séria, donzela,
só assisto novela”.
“Masturbação”? “Sei não, é coisa de homem, eles podem, eles
precisam, só tiram e balançam, nunca vi, nem toquei isso é pecado e
disso eu não sei”.

Ode à submissão feminina
Que atrasa o progresso, crucifica Marias Madalenas,
Só diz besteiras, defende a família,
É mãe dedicada, esposa fiel,
Sem saber que o marido adora um bordel.

Ode à mulher que não goza
Se sente vazia
Traída, amarga
E vê na vagina o castigo divino, a maçã, o inimigo
Esquecendo-se esplendorosa,
Fugaz, corajosa,
Pois, acima de tudo, se chama mulher.

cartas para a mãe. holocausto do pai

Victor Hugo Turezo

1.

tenho um par de meias brancas nas mãos. o pai escorre em sangue. pancada certa no tórax. sempre lhe disse que essa seria a hora mais doída para mim. espremia algumas palavras de conforto em sua orelha. o som das palavras inúteis-reconfortantes causava-lhe calafrio. ainda tenho as meias. guardo-as com as cartas que escrevi para a mãe. nunca as enviei. às vezes ela me diz em sonho. repete sensivelmente. prova o gosto do irreal, meu filho. tenho tentado, mãe, mas o pai precisa de mim. não vou fugir e deixar ele escorrer pelo ralo vermelho sozinho.

2.

as coisas não têm sido tão fáceis por aqui. os remédios pouco fazem efeito. levei-o ao hospital, mãe, mas dizem sempre para voltar no dia seguinte. a fila para o atendimento é imensa. você tem de pegar uma senha e aguardar. se te chamarem, você senta numa cadeira, tenta explicar o que aconteceu e espera o diagnóstico. senão, você simplesmente joga a senha no lixo e vai embora. volta no outro dia. e talvez no outro e no outro.

3.

ele te chama o tempo inteiro. por inteiro. e aquilo ecoa. parece que algo lhe espreme, corta, arranca as vísceras quando o pai não te encontra em palavras. os pés tremem, como também lamentam a falta de espaço na cama. as mãos não vacilam um instante. sempre agarradas ao lençol bege. da janela, o pai mede a distância entre vocês. há distância? tenta alcançar tocando o vidro com a ponta dos dedos. junto ao semblante corrompido pela falta, verte lágrimas intermitentes. aponta o rosto da mãe na fotografia posta em cima do criado mudo. estávamos todos ali, naquela pequena representação eterna. eu, mãe e pai. enquadrados num ínfimo pedaço de madeira. aprisionados como jamais estivemos.

4.

lembranças podres de dias e noites em meu edifício particular. papel de parede rasgado. lasca de madeira do assoalho saltada. cigarro moído em seis pedaços. dor imensa no peito. lhe dou um pouco de chá. ele me devolve um olhar desprezioso. cartas para a mãe.

5.

aqui é sempre escuro, mãe. quando há um traço de luz, eu o abraço com o olhar.

6.

leve-o ao hospital. novamente. parece que faço esse caminho há anos. pego o ônibus na frente de casa, com o pai apoiado em meu ombro e alma. subimos as escadinhas miúdas do ônibus como se fossemos um só. assistimos a paisagem. prédios lotados, mercados lotados e ruas entupidas. vida e morte flertando no curto espaço. pergunto-lhe se lembra dos passeios que fazíamos na pracinha. ele olha fixamente para uma moça de bunda imensa. no hospital, repetimos o ritual. pegamos a senha e esperamos. três horas. ele deita na maca, olha para cima e suspira.

7.

mãe, você sente? é devastador. da pálpebra sai o olhar cinza. o sorriso incandescente dissipou-se. rompeu.

8.

vivo de recordações intermináveis, mãe. você me punha para dormir. ainda sinto o ar latejando em minha orelha quando você resvalava a mão sobre os meus cabelos. teu rastro de sombra ainda me corta.

9.

às vezes penso em matá-lo.

10.

são quatro da manhã. ele dorme inquieto. é absolutamente doentio e compreensivo. onde você está, mãe? dor não lhe toca? ●

SÚMULA

CLÁUDIA SATER

por vezes perdido
largado
caído

marcado
pela estrada
sem luz nem parada

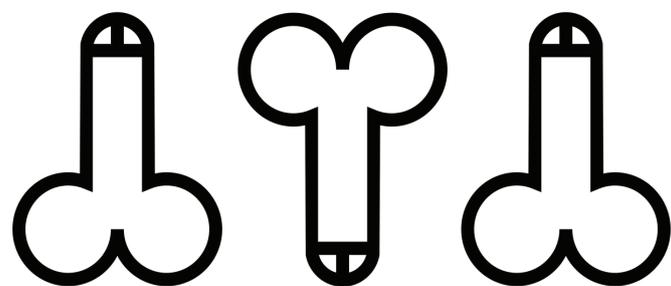
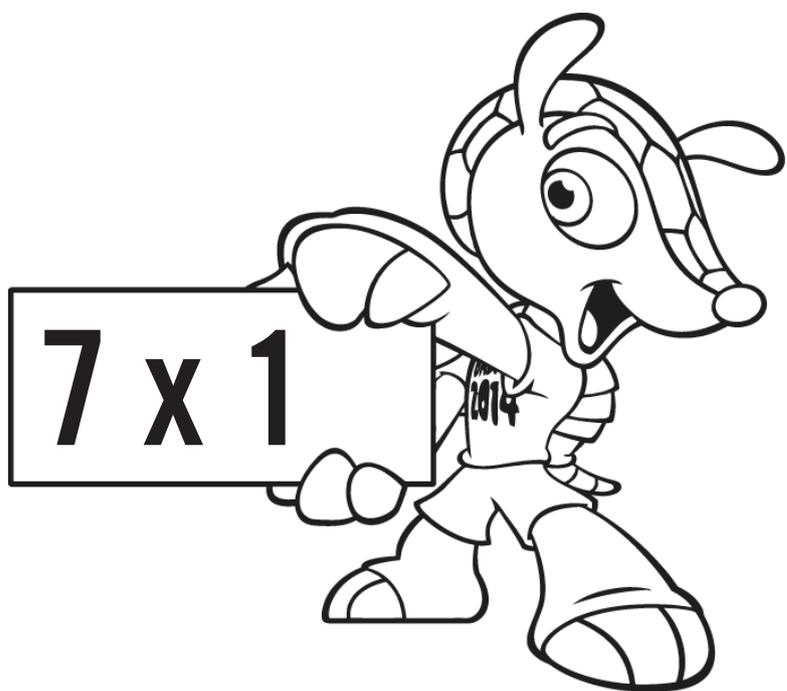
massivo
impressionista fiel
– com que mão
deus criou o céu?

Relevo de colorir para adultos

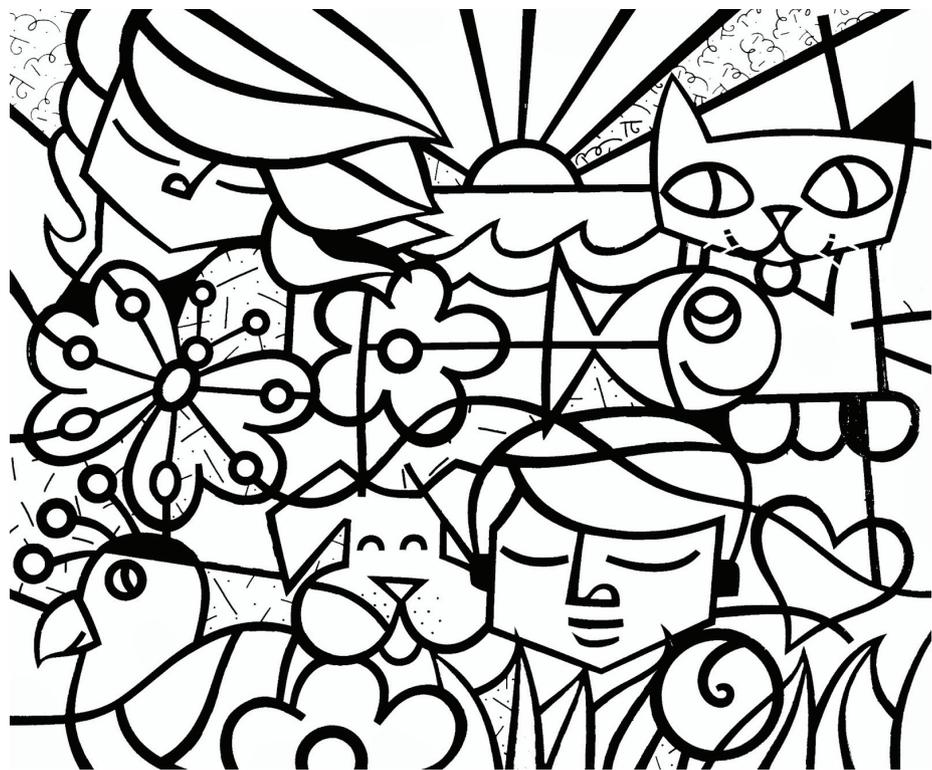


MARCELI





QUALQUER
COISA A
CULPA É DO
REVISOR



PARENTAL
ADVISORY
EXPLICIT CONTENT

qualquer coisa

a culpa é do revisor

Qualquer coisa, a culpa é do revisor

QUALQUER COISA A CULPA É DO REVISOR

Nimesulida

MATEUS RIBEIRETE

23/02

Para: Laboratório Medkilt <contato@medkilt.com.br>

Assunto: Bula confusa

Boa tarde, tudo bom com vocês?

Me chamo Mateus e escrevo para solucionar uma dúvida gerada ao ler a bula do nimesulida, anti-inflamatório comercializado pela Medkilt sob o nome Nimadil. Tenho dores de garganta com certa frequência, geralmente me utilizando do Nimadil para tratá-la. Dessa vez, ao me certificar sobre a quantidade de remédio a que poderia me submeter, parei intrigado. Na posologia, li o seguinte:

“Adultos e crianças acima de 12 anos: 50 - 100 mg (1/2 a 1 comprimido) duas vezes ao dia, podendo alcançar até 200 mg duas vezes ao dia”.

Por lógica, entendo que devo tomar no máximo 200 mg, afinal isso corresponderia a dois comprimidos de 100 mg, duas vezes ao dia. No entanto, a repetição de “duas vezes ao dia” após “até 200 mg” dá a entender que seria possível alcançar até 400 mg por dia. Estou confuso e creio que esteja ignorando algum detalhe simples.

Obrigado.

24/02

Para: Laboratório Medkilt <contato@medkilt.com.br>

Assunto: Bula confusa (#2)

Boa noite,

Me chamo Mateus e enviei um email a vocês ontem, sobre uma pequena confusão gerada ao ler a bula do medicamento nimesulida.

Pois bem, não comentei no email anterior, mas por um acaso estou me formando em Letras e, visando a esclarecer minha dúvida, estendi meu problema a alguns colegas. Para minha surpresa, não houve consenso quanto à interpretação da posologia. De um lado, uns defenderam que não existe lógica alguma na sentença indicar a possibilidade dos 400 mg ser verossímil, considerando que não há nada como “400 mg” escrito em lugar algum, e 1 comprimido de 100 mg duas vezes ao dia totaliza 200 mg. O outro grupo afirma que a frase “podendo alcançar até 200 mg duas vezes ao dia” não deixa dúvidas: se é possível alcançar até 200 mg duas vezes ao dia, pode-se alcançar 400 mg, no todo. Para ser sincero, o debate se tornou um pouco acalorado, e não posso negar que ouvi ofensas políticas dos dois lados. Aguardo a resposta de vocês com maior ansiedade.

Obrigado.

25/02

Para: Laboratório Medkilt <contato@medkilt.com.br>

Assunto: Bula confusa (#3)

Boa noite,

Me chamo Mateus (de novo!), e venho para retomar o assunto da bula confusa, ainda que não me tenha sido oferecida nenhuma resposta. Acontece que, como vocês podem acompanhar pelo email de ontem, não atingi nenhuma solução. Dessa forma, decidi levar minha dúvida aos professores, alguns deles especialistas em sintaxe. A Dra. Tonetto mudou de opinião várias vezes durante a leitura, concluindo que “a frase é, no mínimo, muito mal formulada”. O Dr. Tavano pende para a opção 400 mg, enquanto a Dra. Marazzina, reticente, respondeu 200 mg. Um professor afirmou que a indústria farmacêutica é responsável pela própria dor de garganta; e outro, visivelmente embriagado, disse que “remédio é uma grande viadagem”. Se ao menos vocês respondessem...

27/02

Para: Laboratório Medkilt <contato@medkilt.com.br>

Assunto: Bula confusa (#4)

Bom dia,

Me chamo Mateus — ainda. Minha dor de garganta passou. Quem me dera poder anular todas as perguntas que fiz sobre a bula. Não existe mais curso de Letras na minha faculdade, pois o departamento rachou. Obrigado.

28/02

Para: Laboratório Medkilt <contato@medkilt.com.br>
Assunto: Bula confusa (#5)

Bom dia,
 Mateus de novo. Tudo bom com vocês??? Alguma notícia??? E minha dúvida???
 Obrigado.

01/03

Para: Laboratório Medkilt <contato@medkilt.com.br>
Assunto: Bula confusa (#6)

Boa tarde,
 Me chamo Mateus e tive a vida consideravelmente atrapalhada por vocês da Medkilt. Dessa vez, contudo, estou seguro de ter chegado a uma resposta. Na citação “Adultos e crianças acima de 12 anos: 50 - 100 mg (1/2 a 1 comprimido) duas vezes ao dia, podendo alcançar até 200 mg duas vezes ao dia”, esse último “duas vezes ao dia” não passa de um erro desatento de colagem que remove todo o sentido do texto. Sem ele, tudo faz sentido. Vocês colaram uma frase a mais, só isso. Está solucionado: até 200 mg por dia. Ponto. Não aguardo mais respostas de vocês, e não mais os importunarei. Obrigado.

03/03

Para: Laboratório Medkilt <contato@medkilt.com.br>
Assunto: Bula confusa (#7)

Boa noite,
 Me chamo Mateus e confirmem que meu último email é verdade, por favor.
 Por favor.
 Obrigado.

06/03

Para: Laboratório Medkilt <contato@medkilt.com.br>
Assunto: Bula confusa (#8)

Boa tarde,
 Me chamo Mateus e tive uma crise de enxaqueca; vocês devem imaginar por quê. Fui à farmácia e me recomendaram nimesulida, pois aparentemente isso também é ótimo para cuidar de cefaleia. Estou chorando como um porco no matadouro.

10/03

Para: Laboratório Medkilt <contato@medkilt.com.br>
Assunto: Bula confusa (#9)

Boa tarde,
 Não sei mais como me chamo.
 Em anexo, ilustração do meu pênis em uma cápsula.

12/03

Para: Laboratório Medkilt <contato@medkilt.com.br>
Assunto: Bula confusa (#10)

Adultos e crianças acima de 12 anos: 50 - 100 mg (1/2 a 1 comprimido) duas vezes ao dia, podendo alcançar até 200 mg duas vezes ao dia.
 Adultos e crianças acima de 12 anos: 50 - 100 mg (1/2 a 1 comprimido) duas vezes ao dia, podendo alcançar até 200 mg duas vezes ao dia.
 Adultos e crianças acima de 12 anos: 50 - 100 mg (1/2 a 1 comprimido) duas vezes ao dia, podendo alcançar até 200 mg duas vezes ao dia.
 Adultos e crianças acima de 12 anos: 50 - 100 mg (1/2 a 1 comprimido) duas vezes ao dia, podendo alcançar até 200 mg duas vezes ao dia.

13/03

Para: Laboratório Medkilt <contato@medkilt.com.br>
Assunto: pfpfpfpfpffpfpfrrr

HAhahahahahaHAhahahahahahahahHAhhhaahhaahhahahahah euentendi tudo,,,,,, hahahaHhahahahahahahhh

13/03

Para: Laboratório Medkilt <contato@medkilt.com.br>
Assunto: mentira desculpa

mentira o ultimo email e mentira medkilt me conta a resposta conta filho da puta conta eu vou me matar eu to falando sério to bebado bebaço

14/03

Para: Laboratório Medkilt <contato@medkilt.com.br>
Assunto: Bula confusa (#13)

Oh, eu morro, Medkilt!
 O poderoso veneno de nimesulida domina o meu espírito. O resto é silêncio. ●

ABRIL

Fernanda Wojcik

daniela me ensinou que guardar senhas nos bolsos era importante, e útil. daniela, daniela. ela não gosta[va] que a chamassem assim. será que foi por isso, meu deus? não, não pode ser. daniela era muito mais do que tudo isso.

a voz de daniela tinha gosto de sol, o cheiro de daniela era de pêssego, a pele de daniela era de seda e seus olhos de imensa mágoa.

foram quatro anos vivendo com daniela. conto a partir do primeiro dia que a vi, quando ela disse “oi, moça bonita”. tudo acabou tão de repente, tudo acabou tão do nada, tudo acabou tão acabado, tão daniela. daniela nunca deu um ponto sem nó, nunca um i sem pingo. sinto saudades.

daniela me ensinou que o amor era feito de carinho, paciência e gratidão. que precisava ser bom, ser simples, ser fácil. o trabalho podia ser complicado, o amor não. para daniela, o amor não podia sufocar, não podia doer. que o amor não podia caber na gente, tinha que transbordar, tinha que encher a boca e os olhos. mas o amor dela doeu em mim.

daniela me mostrou como era bom tomar chá. como era bom deitar na grama em dias de sol, tomar banho de chuva e de banheira. daniela me fez ver a beleza das flores de campo. as flores de daniela nasceram em mim.

daniela me deu estrelas, cores, cheiros, papéis de carta, segredos, lágrimas, biscoitos, pó de café, trens de carga, nuvem de tempestade, algodão-doce, vestidos floridos, livros de bolso, jasmim, paz. tudo em um pano xadrez azul. tudo de coração aberto. tudo sem pedir nada em troca.

um dia, quatro anos depois, o amor de daniela parou de doer em mim. foram-se os vestidos embora, as flores morreram, a paz acabou.

um dia tudo isso virou mais do que daniela.

um dia daniela sumiu dos meus olhos.

um dia daniela sumiu.

um dia.

daniela.

daniela?

volta, daniela.

dani, volta. •

um cubículo de gente num cubículo de apartamento

José Alberto Amarante

detonar o poema com as teclas
para que pulse vital a poesia
no mistério distante da meta
que dita no verso o arrepio

na paisagem sombria e absurda
do sonho que vive desperto
na cabeça do transeunte
que ao atravessar a rua suspira

como se tudo desatasse
deste momento em diante
feito flor que desabrocha
no fértil vazio da página-voz

deste circo mambembe vida
em única apresentação hoje
do mísero frente ao universo
instante-agora em nossas

veias e artérias degradadas
pelo cruel sistema que dita
o sinal vermelho, quando
se quer seguir o rumo

da canção nunca antes assobiada
pelos índios simulacros da praça
este desejo de origem-raiz
faz cavar mais fundo que a mera

superfície do visível e palpável
e leva a arqueologia daquilo
que duvidamos e resiste
independente de bússola e horário

velha queda *gigi godoi*

tenho velha queda por certas palavras
elas preenchem o buraco da minha expectativa,
são feitas uma tradição intangível
nomeando coisas que se alteram ou se unem
à medida do ângulo
ou simplesmente essas palavras
abrem uma mancha bem no meio da minha testa
a cada vez que grita
uma chama aqui dentro
é que eu tenho velha queda
por certos sentimentos

O dia em que fiz um gol de bicicleta

Beto Pacheco

*Trecho da crônica 'Festa Americana', de
"O fantástico mundo das quinquilharias"*

“Quando se tem por volta de dez anos, só há uma grande preocupação na vida: será que algum dia farei um gol de bicicleta? Eu treinava no quintal da minha casa, sozinho. Jogava a bola para cima, me preparava para o movimento e tentava acertar o tempo de bola. Normalmente, eu furava o chute, dava de canela ou levava uma bolada na barriga e caía chapado arrebrandando as costas no chão. Infelizmente, hoje eu sei a resposta para aquela preocupação. Nunca fiz nenhum gol de bicicleta.”

Isso foi escrito há pelo menos cinco anos e era um trauma que só aumentava. Até recentemente. 36 anos, 2 meses, 2 dias e 20 horas depois, o terror se foi. Numa terça-feira curitibana e curiosamente quente, eu fiz um gol de bicicleta. Não de voleio, nem de “sem-pulo”, de letra, sequer de calcanhar... Não. De Bicicleta. Plástico, épico, sublime, ciclístico e certo. De BI-CI-CLE-TA!

É triste que vivamos em tempos em que se não foi filmado ou fotografado, não aconteceu. E se foi, a imagem é manipulada. É fatídico que não houvesse ao redor uma câmera na mão dum viciado em selfie, ou um drone espião sobrevoando a arena, quiçá uma câmera de vigilância na esquina. Uma pena, mas, mesmo assim, outorgado pelas 15 testemunhas que presenciaram in loco, meu gol de bicicleta (repetirei à exaustão, aguente) há de entrar para os verbetes de lendas heroicas e eternamente debatidas, recordadas e homenageadas em botecos de Curitiba.

Todavia, não será a falta de mídia moderna que nos colocará nos porões da História. Romantizemos, como teciam Nelson Rodrigues, Mario Filho ou João Saldanha, o Olimpo da crônica esportiva. Usemos da expressão verbal, escrita e eterna para legar à posteridade o gol dos gols.

Era início de partida e eu havia cometido um equívoco no primeiro lance; à defesa, e minha equipe tomou um gol por minha culpa. Praguejei, mas mantive a concentração. Senti que o time precisava de mim. Busquei a bola sob as redes e rumei calmamente, à sombra de Didi, o Príncipe Etíope, para posicioná-la no círculo central. Logo demos o pontapé para o reinício e buscamos o empate, conquistado rapidamente. Maravilha, era um peso que saía de meus ombros. Mas não estava satisfeito, a falha recente ainda martelava. Foi quando aconteceu.

A equipe adversária puxou um contrataque e, na velocidade dos acontecimentos, vi-me no ataque, só observando o transcórre do lance. Eles perderam a pelota que caiu nos pés de nosso goleiro. Ele

olhou altivamente em direção ao ataque e fez o lançamento. Eu estava na entrada da área inimiga, de costas para o goleiro adversário. A bola voou, voou, voou e pingou bem na minha frente, subindo na altura perfeita, no eixo exato. Foi como se o tempo parasse. Enxergava a bola, o campo, os jogadores em supercâmera lenta. Não foi um pensamento construído, lógico, mas sim um reflexo. Assim é com os grandes craques – mesmo com aqueles de apenas 1,70m. Minha mente tinha a certeza: vou tentar uma bicicleta. Era chegado o momento. 36 anos esperando. Nunca, nunquinha da silva, uma bola, uma posição no campo, a força do vento, a disposição dos boleiros e um instante estiveram tão sincronizados. Só faltou ser noite de eclipse.

Lancei-me para o ato mágico. Quando estava no ar, com as costas paralelas ao chão e a pedalada armada, ouvi o goleiro partir em minha direção a gritar “É MINHAAA!” Cheguei a vê-lo ao meu lado, na prévia de um soco na gorduchinha. Seria o fim? Seria eu mais um daqueles que chegou a um centímetro do portal que me levaria para longe da Caverna do Dragão e, pluf!, teria o tapete puxado, com Uni, Vingador e Mestre dos Magos a rir de minha desgraça?

Enquanto tudo isso passava em minha mente, a região do meu corpo responsável pelo instinto alertou: vais dar com as costelas no chão em centésimos de segundo. Xiii, lascou! Então, no último instante, e automaticamente, fechei os olhos e pedalei no ar. Senti a bola pegando em cheio no peito do pé direito e em seguida uma lufada de ar ser expulsa de meus pulmões, quando me esborrachei na verdejante grama sintética. A partir daí, não ouvi mais nada. Nem os gritos dos espectadores, nem atletas em volta, nem o ecoar dos rádios da torcida sintonizados na mesma estação. Olhei para trás e lá estava ela, a bola, estufando a rede.

Um magistral, histórico e invejável gol de bicicleta.

É evidente que o desdém surgiu nas horas que se seguiram. “Duvido”, disseram uns; “Beto fazendo gol de bicicleta? Óbvio que é mentira”, menosprezaram outros; “Foi comprada com dinheiro público essa barraforte”, vociferaram terceiros. Não importa. Nada, ninguém, coisa alguma será capaz de apagar de minha memória, aquela cujo ângulo de visão foi privilegiado, um acontecimento que faz toda uma vida valer a pena.

Na manhã seguinte, conto para a minha namorada – afinal de contas, os momentos sublimes existem para serem compartilhados com quem amamos – como fora tamanha proeza. Ela já sabia do ocorrido (vivemos num mundo de velocidade incontrolável, ainda mais em se tratando de notícias bombásticas e históricas) e me disse: “Fiquei sabendo. Não se machucou? Fiquei pensando em como você caiu, tadinho.”

O que falar? Não é a coisa mais fofa e amável do mundo? Contudo, apesar de compreender e ter achado linda a sua preocupação, preciso dizer que fiquei um pouco frustrado. Sei que ela dificilmente compreenderia que, quebrasse uma perna, deslocasse um ombro, luxasse um cotovelo, pouco importaria. Um gol de bicicleta é maior. Um gol de bicicleta é indolor. Um gol de bicicleta é transcendental. O primeiro e possivelmente único. É inesquecível.

Agora, me deem licença, preciso passar Gelol, pois estou com uma dor arretada nas costelas. ●

Lívia Inácio

Carta ao paraíso

Doía ser mulher
doía no estômago

Doía ser santa
a escrava da moral invisível
Doía ser puta
a dona da carne perecível

Doía ser refém do desejo dele
mas doía não tê-lo

Doía ser tanto
e no entanto
valer pela cor do cabelo

Doía não ter voz
e ter tudo pra dizer
Doía, adia em nós
Doía ter que ser

Doía ter que respeitar
Doía ser o pecado
Doía ter medo de andar
Pra escapar de tarado

Doía, Eva

Doía ser refém
usar salto
decote e sainha
pra se sentir viva e bem

Doíam a obrigação de ser bela
e a hipocrisia a nos engolir
Doíam os concursos de beleza
os contos fajutos de princesa
Doíam mais que o bisturi

E dava medo, Eva
Dava medo de existir.

ALVARO POSSELT

Ventos do oriente.
Aqui caiu um caqui
que deixou semente

*

Kanpai!
Uma gota de orvalho
sake de samurai

*

Um som vespertino.
Cautela! O grilo duela
com seu violino

*

Oh, lua! Aparece.
Te espero no tom sincero
da mais bela prece

*

Chove e faz barulho,
a poça da rua engrossa.
Que tal um mergulho?

TRAUMÁTICAS
~~As Fantásticas~~ Aventuras do Filho do Freud por Pacha Urbano



Homenagem ao Dia Internacional da Mulher

TRAUMÁTICAS
~~As Fantásticas~~ Aventuras do Filho do Freud por Pacha Urbano



TRAUMÁTICAS
~~As Fantásticas~~ Aventuras do Filho do Freud por Pacha Urbano



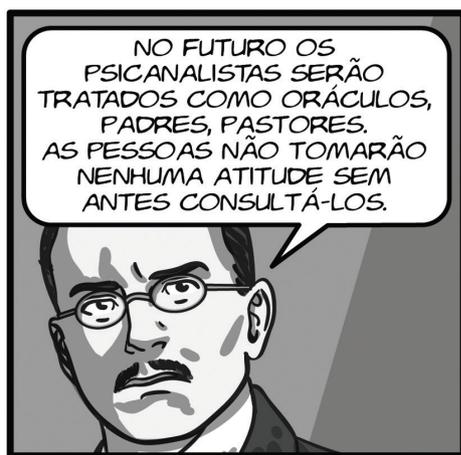
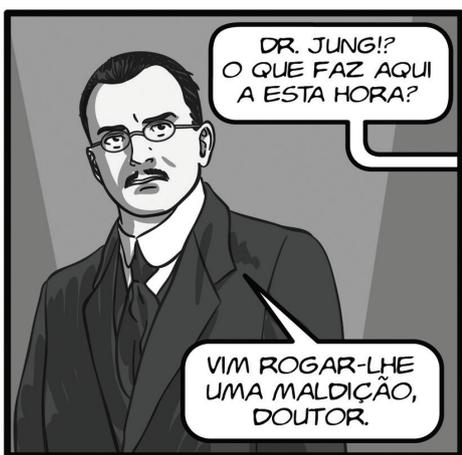
TRAUMÁTICAS
~~As Fantásticas~~ Aventuras do Filho do Freud por Pacha Urbano



TRAUMÁTICAS
~~As Fantásticas~~ Aventuras do Filho do Freud por Pacha Urbano



TRAUMÁTICAS
~~As Fantásticas~~ Aventuras do Filho do Freud por Pacha Urbano



TRAUMÁTICAS
~~As Fantásticas~~ Aventuras do Filho do Freud por Pacha Urbano



Obscenidade Digital

obscenidadedigital.com

Muß es sein?

Gabriel Protski

A sensação de quebrar uma vidraça é inesquecível. Num segundo uma pedra pontuda está em sua mão, no outro, misturada aos cacos e ao caos. Assistir a uma parede de vidro despedaçar nos faz lembrar de como somos frágeis. Se nossa segurança é feita por pedaços de cimento e vidro, não estamos seguros.

Entre um vão e outro do calçamento, procura por uma pedra pequena. Uma bem menor do que aquela que há 20 anos quebrou a janela da dona Cida. Hoje não quer quebrar nenhuma janela, só quer improvisar uma campainha. Tem vindo aqui todas as quartas-feiras das últimas seis semanas, desde que seu horário na corporação mudou, mesmo assim, ainda não decorou o número do apartamento, só a posição da janela. Depois que a terceira pedrinha estalou no vidro, se sentiu um idiota por esquecer o celular no armário. Estava abaixado, coletando mais pedras, quando ouviu a pesada janela se abrir. “Interfona no 106”. Respondeu apenas com um sorriso e repetiu o ato quando a voz pelo interfone questionou, “Abriu?”. Subiu as escadas pulando degraus. A porta já estava aberta, os lábios ignoraram as formalidades e foram logo de encontro.

Desprovidos de roupas e preocupações, deitados um sobre o outro e respirando no mesmo compasso, parecem uma coisa só. Pouco antes, no sexo, realizaram movimentos tão sincronizados que pareciam ser frutos de anos de ensaio. Apesar de parecer que o tempo tinha parado para assisti-los, o relógio ao lado da cabeceira confidencia que é hora de partir. Veste as roupas lentamente enquanto as mãos dela o envolvem em um abraço que pede pra ele não ir embora, nunca mais. Em frente à porta, um último beijo, com mais carinho que desejo. Os olhos dizem o que as bocas não têm coragem.

E assim, ele vai, descendo um a um os poucos degraus.

No caminho pra casa fica o centro da cidade, sempre cheio, sempre com pressa. Colocou ordem no caos e calou todas as buzinas com a paz que emanava. O fim da tarde ameniza a força do sol. Caminhar na rua se torna agradável, morar nela continua não sendo e, provavelmente, nunca vai ser. Entrou na padaria e comprou tudo o que dava com vinte reais: pão de queijo, empadão, bolo e café. Sentou no chão, embaixo da marquise e ao lado do Seu Evair. Demorou dez minutos pra beber o café, enquanto seu amigo apreciava o banquete inesperado. Despediu-se com um abraço, que na vida de Seu Evair tem sido mais raro que café quente. Levitou nas quadras seguintes, até a porta do prédio.

Em casa foi recepcionado pelo seu gato, Doutor Almofada. Que miou, ronronou, exigiu carinho e fez de tudo para atrasar o banho de seu dono. Mas nada que tenha gerado algum desafeto de ambos os lados, em menos de meia hora já cochilavam juntos no sofá, numa sintonia distinta da tevê ligada. A porta da sala se abre com vigor suficiente para fazer o Doutor Almofada levantar voo. Antes de conseguir esboçar uma reação, é atacado pelo Pedro e pela Ana Júlia, seus anjinhos de nove e seis anos. “Chuva de cócegas” é o grito que faz as crianças correrem rindo pela casa, dando tempo e espaço suficiente para a consciência retomar o controle. Beija sua esposa enquanto pega as sacolas de compras de suas mãos. Estavam pesadas, não sabia que faltava tanta coisa em casa. A noite segue como de costume, coloca as crianças para dormir às nove e se deita às dez. Repousa a cabeça no travesseiro enquanto acomoda a cabeça de sua mulher em seu ombro. Espera pelo sol e por tudo o que vem pela frente. ●

Daniel Zanella

Cenas Urbanas

Inverno na Irlanda

Para Luci Collin

Antes de tudo, o inverno recomeça no gesto, quando, entre as roupas empilhadas do armário, resgatamos uma blusa há tempos esquecida – quantas vezes por ano nossas blusas rememoram nossos contornos?

O inverno não sabe ser discreto.

Hoje de manhã, por volta das sete, ao abrir a porta da sala, percebi o céu estendendo-se do alto aos poros, um ímpeto de quietude e reclusão que não pode ser apenas colocado em nossa conta pessoal.

Os cientistas e os cétricos discordam. Os poetas e os viajantes também. Ainda mais enganados estão os deuses e os animais. : inverno não é estação.

Inverno é um pedaço do tempo incrustado no delírio dos ossos. É também a mulher que não nos quer mais, o amigo que nos decepciona, o bar que não abre hoje, a saudade de alguma coisa sem nome, uma certa tentativa de ligar uma palavra na outra com alguma dignidade sem nunca chegar lá. Inverno é o que inventamos para justificar a crença no verão.

E se não é verão, daqui a pouco tem um São Paulo x Corinthians decisivo. Certo quem disse que um descrente original não deveria nem ter clube de futebol. Antes de sair da sala de aula, escrevo uma dedicatória em *Contos Irlandeses do Início do Século XX* – é o dito período do renascimento da literatura céltica, um belo de um livro. O que escrevo:

*Moça de cabelos vermelhos,
Que este passeio histórico-literário
Pelo coração profundo (e algo assombroso)
Da Irlanda te traga bons momentos de leitura.*

Entrego o livro com uma indisfarçável agitação. Ela me agradece com um sorriso quase cortês, como a repelir um certo desconforto. Por dois segundos fito seus olhos de iluminar escrituras. Me ocorre que o amor é mesmo uma imprecisão entre folhas e gestos. O amor sempre pode recomeçar no gesto.

Boa leitura, querida. •

Cinerário

Ademir
Demarchi

Centauro no campo de soja

De Quedas do Iguaçu, Solivan Brugnara escreve para o mundo. Seu livro “Encantador de Serpentes” reúne essa peculiar expressão paranaense que olha com estranhamento o que vê. Destaca-se na obra uma série de poemas sobre o Paraguai, visto na Ponte da Amizade, na Monalisa, sacoleiras e camelôs e na Ciudad del Leste “- A fantástica cidade dos guaranis que vendem/ produtos eletrônicos/ Esfumaçada por velhos motores-narguilés.../ Clima Saigon nas ruas transversais...”

O autor vai da descrição bucólica de uma paisagem a uma cena com meninos simulando tiros com os dedos em direção a um avião – “será que eles querem mesmo derrubar aquela ave? aquela paisagem, que dor é aquela, exposta nas cores, nos detalhes obsessivos?”; vai de um poema que se derrama parecendo por um momento interminável em palavras – onde ele quer chegar? – a um poema visual que logo contradiz a simplicidade de forma/conteúdo para se somar a outros recursos como se fosse um baralho de palhaço – aquele cujas cartas são interligadas para que o jogo não seja o que se espera, mas outro; vai do panfleto político transformado em máximas de uma frase a pautas musicais por ele mesmo compostas, assim como desenhos que transitam de uma aparência *naïf* a uma crueza cortante que dialoga com Van Gogh, todas formas de representação de um mundo globalizado visto de um lugar rural, no interior do Brasil, típico como quase tudo neste país em que agricultura tem o mesmo sentido de cultura.

Mas ao escritor isso não fica barato, pois o mundo rural é visto com crueza crítica, em pinceladas secas, sentidos estranhos que o tornam, por isso, peculiar: “(...) Quero-quero nos potreiros. / Cinquenta alqueires gramados com soja/ E um pinheiro solitário no meio./ Cinquenta alqueires de terra arranhada pelo arado/ E um pinheiro./ Oitenta alqueires de soja, cem alqueires,/ E um pinheiro (...)”.

Na regularidade da paisagem, na descrição poética dela, nos deparamos com o inusitado que quebra a expectativa e faz peculiar a poética – um centauro no meio da plantação: “Me cumprimenta do soja,/ Como alguém com mar na cintura,/ Lembra um centauro, é só meio-homem/ O resto plantação”.

Como a arte não escolhe lugar, está nos mais improváveis, como nesse homem “com mar na cintura”, a soja; como Miró encontrado numa joaninha pousada no indicador; ou na constatação paradoxal e agônica de que é impossível saber a hora numa relojoaria. Nesses poemas que parecem asas, o leitor encontra o estranhamento, função poética elementarmente máxima, que não deixa na mesma aquele que os lê. •

Daniel Osiecki **Terra Incógnita**

“Pancrácio”: a Curitiba *pulp*

Na Grécia antiga pancrácio era uma modalidade marcial na qual seus participantes lutavam até um dos lutadores, sem armas, não poder mais continuar e levantar a mão para o juiz perceber e encerrar a disputa. Segundo a mitologia grega, pancrácio teve origem com Hércules e Teseu, que lutaram até os dois heróis praticamente se extinguirem. Pancrácio é uma espécie de antecessor de lutas modernas sem muitas regras nas quais há mais força do que técnica.

“Pancrácio”, de Otávio Linhares, publicado em 2013 pelo selo Encrenca – Literatura de invenção, é uma narrativa híbrida na qual em meio a uma atmosfera *noir* e experimentações formais, nos deparamos com situações brutais e sem sentido com grande carga onírica que em determinadas passagens as ações são mais sugeridas do que relatadas de forma real e estanque.

Otávio Linhares nasceu em Curitiba. É escritor, ator e barista. É editor da Revista Jandique – Literatura Curitibana na qual publica escritores e artistas curitibanos estreados e alguns já conhecidos no meio literário local. “Pancrácio” é seu primeiro livro e Linhares acerta já em sua estreia. É uma bela edição com ilustrações de Daniel Gonçalves. O volume apresenta mais 11 contos sem ligação com a narrativa principal em uma seção no final do livro.

“Pancrácio” não é uma narrativa tradicional, o que é seu maior mérito. Porém, não é uma narrativa pretensamente experimental, com exageros estilísticos que cansariam até cultores bastante ortodoxos da chamada pós-modernidade, mas é um livro autêntico, estilisticamente audacioso sem cair no clichê experimentaloide bastante comum na atualidade.

O protagonista, se é que pode-se chamar esse ser espectral de protagonista, é um solitário que persegue espectros como ele. É um ser bastante carente de afeto em uma atmosfera onírica que deliciosamente prega peças no leitor. O ritmo dos períodos é frenético, simulando o andamento do pensamento, do delírio, da consciência em um imenso *stream of consciousness* labiríntico. A princípio os capítulos não são interligados, mas são os desejos e taras do mesmo espectro que servem de protagonista. Conforme a narrativa vai se aproximando do fim, o tom *nonsense* vai se evidenciando cada vez mais, o que mostra mais uma vez que Linhares não pretende contar uma história, mas desconstruir uma estrutura romanesca tradicional.

O “protagonista” é um desesperado, um aflito, um esquizofrênico, e essa sua esquizofrenia é o que confere o tom igualmente esquizofrênico, confuso e absurdo da narrativa. Assim como o narrador mistura fatos, acontecimentos reais e imaginários, também tem dúvida sobre o que narra, o que reflete a ausência (dúvida) dos números dos capítulos finais.

“Pancrácio” também apresenta alguns elementos da literatura *pulp*, como a já mencionada atmosfera *noir* e certa predominância de meios e ações *nonsense*. As ilustrações de Daniel Gonçalves no final do livro também recriam esse tipo de narrativa, ao estilo de Raymond Chandler ou Orson Welles. Porém, a ficção de Linhares é de extremo bom gosto e muito bem escrita, e a incursão em uma atmosfera *pulp* é apenas um flerte. Não há dúvidas de que “Pancrácio” é o melhor livro publicado pelo selo Encrenca. ●

GARY SULLIVAN

trad. DANILO AUGUSTO

Mm-hmm
Yeah, mm-hmm, it's true
big birds make
big doo! I got fire inside
my "huppa"-chimp™
gonna be aggressive, greasy aw yeah god
wanna DOOT! DOOT!
Pfffffffffffffffffffft! hey!
ooh yeah baby gonna shake & bake then take
AWWWWWL your monee, honee (tee hee)
uggah duggah buggah biggah buggah muggah
hey! hey! you stoopid Mick! get
off the paddy field and git
me some chocolate Quik
put a Q-tip in it and stir it up sick
pocka-mocka-chocka-locka-DING DONG
fuck! shit! piss! oh it's so sad that
syndrome what's it called tourette's
make me HAI-EE! shout out loud
Cuz I love thee. Thank you God, for listening!

Mm-uuhhmm
 Sim, uumm-huhmm, é verdade
 grandes pássaros fazem
 grande caca! Tenho fogo no rabo
 meu cara(lho) de macaco
 vai ser agressivo, vai ser gorduroso aêê sim deus
 quer Cáaa! Caaaaa!
 Pfffffffffffffffffffft! Etcha!
 ooh assim baby vai tremer e cozer e então receber
 AÊÊÊSS Tá Cá seu dinndiin, meu pudim (hiii hiii)
 bela-bosta-boa-bunda-buga-buga
 ei ei! seu gringo retardado! cai
 fora da gringolândia e me sai
 com um todinho carai
 bota Gil pra rodar e mexe té vomitar
 rola-fula-fura-bunda-DING DONG
 porra! merda! mijo! oh é tão triste
 está síndrome chamada Tourette
 me faz ÊÊÊPAA! gritar bem alto
 Pq te amo. Obrigado, meu Deus, por escutar!